

Manifestações e o Estado Policial

Demonstrations and the Police State

*Sérgio Silva¹ 

Resumo

Este ensaio fotográfico aborda minha trajetória no fotojornalismo, com particular ênfase nos duros episódios de violência policial de junho de 2013, os quais vêm, desde então, compondo a paisagem urbana das manifestações de rua no país. A manifestação de 13 de junho de 2013, duramente reprimida pela polícia militar de São Paulo, pode ser compreendida como um ponto de inflexão não apenas na minha vida, mas como um exemplo da escalada autoritária que já começava a dar sinais claros na direção da consolidação do Estado policial. Desde então, dedico-me a registrar e a combater das mais variadas maneiras todas as formas de violência policial e, de modo muito especial, por meio de imagens, como se pode depreender deste ensaio fotográfico.

Palavras-chave: violência policial; fotojornalismo; Sérgio Silva; Estado policial; junho de 2013.

Abstract

This photo essay addresses my trajectory in the photojournalism, with particular emphasis on the harsh episodes of police violence in June 2013, which have since then made up the urban landscape of street demonstrations in the country. The demonstration of June 13, 2013, harshly repressed by the São Paulo military police, can be understood as a turning point not only in my life, but as an example of the authoritarian escalation that was already beginning to give clear signs towards the consolidation of the police state. Since then, I have dedicated myself to recording and combating in different ways all forms of police violence and, in a very special way, through images, as can be seen from this photographic essay.

Keywords: police violence; photojournalism; Sergio Silva; Police state; June 2013.

Meu nome é Sérgio Silva, sou fotógrafo. Trabalho especificamente com fotojornalismo e com a documentação de atividades urbanas na cidade de São Paulo.²

Minha história de vida é a realidade do próprio povo brasileiro, a começar pelo meu nome, Silva. Somos uma das grandes famílias deste país de modo que o nome já traça um perfil de quem eu sou e de onde eu venho.

¹ Fotojornalista Independente (São Paulo, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5513-8897>.

² O texto que acompanha o ensaio fotográfico foi adaptado de uma entrevista concedida pelo autor das fotografias em 14/12/2020 a Bruno Konder Comparato e Esther Solano, no contexto da pesquisa *Policing protests and the quality of democracy in Brazil and Northern Ireland*, financiada pela British Academy (NAF2R2\100131).

Cresci no bairro do Ipiranga, que faz parte da história de formação deste país. Vivi ao lado do córrego do Ipiranga, sempre à margem.

Fui criado por minha mãe, que teve sete filhos e nos criou sozinha, numa dificuldade extrema, de muita pobreza mesmo; mas isso nunca foi empecilho para teimar em tentar sobreviver. Trabalho desde os 10 anos de idade e a fotografia entrou na minha vida para documentar a paternidade. Eu não tenho registro de imagens da minha infância, por conta da minha questão social, de ser pobre, de não ter equipamento fotográfico, não ter nenhum familiar próximo que fosse detentor de um equipamento. Eu não tenho uma imagem fotográfica minha da minha infância. Ela é praticamente uma memória que está dentro da cabeça. Tem duas fotografias únicas de imagens da minha infância; por esta razão, a fotografia tem para mim uma importância muito pessoal.

Na fase adulta, eu cresci com uma indignação muito forte dentro de mim por nunca conseguir ter uma resposta para o fato de eu ter que ir para a escola com um tênis furado. A segunda chave foi a informação veiculada pelos meios de comunicação: não é possível que a informação seja veiculada apenas dessa maneira; deve existir algum meio de comunicar, de interagir com as pessoas, de contar outras histórias. Foi quando eu percebi, em 2012, que nas redes sociais da época tinha um certo canal de comunicação, mesmo que pequeno; tinha ali uma forma de comunicar, de dialogar com pessoas mais próximas. Através do Facebook eu descobri que havia agências de notícias que recrutavam repórteres fotográficos para trabalhar.

Foi através da rede social que eu comecei a me conectar com o fotojornalismo, os repórteres fotográficos da imagem. Comecei a ir para a rua sem muito conhecimento técnico da área e a aprender através da experiência prática. Em 2012, eu comecei a conseguir me desvencilhar do meu emprego, consegui trabalhar meio período e no outro período do dia eu ia para a rua para fotografar.

O primeiro assunto que me interessou foram as questões sociais, a luta pelo direito à moradia e um movimento político pelo qual eu me interessei muito, muito por causa dessa minha questão de ter nascido e sido criado sempre morando dentro de cortiços, em lugares apertados, e era também uma questão para mim por que a gente não tinha uma casa para morar? Me interessa muito a luta dos movimentos sociais por moradia como aqui no centro de São Paulo o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), fazendo manifestações, ocupando terrenos.

Uma outra questão que acabei descobrindo na cobertura dessa pauta é que a reintegração de posse sempre foi violenta e praticada pela polícia. Comecei a me perguntar por que a polícia age de maneira tão violenta contra pessoas que estão simplesmente querendo um lugar para morar, que estão cobrando um direito garantido pela constituição.

Paralelamente a isso comecei a me interessar pelo direito à manifestação.

No fotojornalismo, eu descobri que o movimento estudantil, que até então para mim era algo único e exclusivamente do passado, estava fazendo reuniões que defendiam o passe livre para as pessoas.

Já utilizei muito ônibus, que sempre foi meu meio de locomoção preferido, com ônibus sempre lotados, passagens cada vez mais caras, cada vez mais difíceis de pagar, de modo que a pauta que foi levantada pelo Movimento Passe Livre (MPL) era uma questão muito viva para mim. E aí comecei a fazer a cobertura da primeira manifestação que eu vi do MPL em 2012. O fotojornalismo começou a me conectar com essas questões de lutas dos movimentos presentes, principalmente aqui em São Paulo.

Em 2013, os movimentos de rua em São Paulo estavam muito fortes, mas não tanto quanto deveriam estar e eu entendia que fotografar esses movimentos era uma necessidade para impulsionar esse grito.

Documentar a luta do MPL significava, para mim, ecoar um pouco esse grito em relação ao transporte público que afeta o pobre, que vive em ônibus lotados. Em 2013, eu não consegui fazer a cobertura dos primeiros atos do MPL porque minha filha era pequena e eu tinha que dividir muito essa minha corrida pelo meu ingresso no fotojornalismo com a administração de uma vida extremamente difícil que eu tinha, e ainda tenho.

Consegui ir ao quarto ato do MPL, no dia 13 de junho de 2013, quando fui atingido por uma bala de borracha disparada pela polícia militar, que reprimiu a manifestação de uma maneira violenta que eu nunca tinha presenciado até então.

Eu já tinha visto repressões fortes e duras da polícia em estádio de futebol contra torcedores, com cavalaria batendo até com espadas, uma coisa medieval. Eu já tinha visto, não como fotojornalista, mas como torcedor mesmo indo para estádio de futebol, bomba de efeito moral, gás lacrimogênio, mas sempre foi uma repressão muito pontual e rápida, uma situação de ataque e aí é óbvio que essas pessoas sempre, quando são atacadas, correm para se proteger e a polícia pára de atacar.

Em 2013, naquela manifestação de junho, foi muito diferente porque do primeiro estouro de bomba até o último foram quase três horas de repressão policial só no centro de São Paulo. Eu já estava no hospital atingido por uma bala de borracha, mas houve relatos de prisões até na avenida Paulista a cerca de dois, três quilômetros do local inicial onde começou a repressão policial. Até 10 horas da noite a polícia soltava bomba e prendia gente, batia em gente, foi uma das maiores repressões que eu presenciei em vida, principalmente nesse período recente de democracia.³

O que aconteceu comigo especificamente? Eu estava fazendo o registro fotográfico das manifestações e quando vi que a polícia militar estava cerceando o direito daqueles manifestantes de seguirem, subir a rua da Consolação, a polícia fez um bloqueio ali na própria Consolação exatamente na esquina da rua Maria Antônia com a rua Caio Prado e eu falo que cerceou porque ela fez um bloqueio mesmo, um paredão, tinha duas viaturas e homens da tropa de choque, da polícia, com escudos e já fortemente armados apontando as armas na direção desses manifestantes que era para eles não seguirem a rua da Consolação e a gente sabe por quê. Havia uma ordem dada do comando da polícia militar muito impulsionada pela imprensa da época que chamou aquela onda de manifestantes de vândalos e baderneiros, toda essa história que todos nós já conhecemos, a polícia foi muito convicta a coibir aquela manifestação, já com essa tropa perfilada, proibindo que aquela manifestação subisse a rua da Consolação. Ao perceber isso, eu prontamente me desloquei desse público maior entre manifestantes e polícia e fiquei ao lado, como todos os repórteres e jornalistas ficam. Quando a primeira bomba caiu, a primeira coisa que fiz nem foi aquela atitude de todo fotojornalista, que é começar a fotografar, até porque naquela época, como eu trabalhava como *freelance* para veículos de

³ O relatório *Protestos no Brasil – 2013*, da ONG Artigo 19 confirma esse relato, ao afirmar que “o 4º Grande Ato contra o Aumento das Passagens, no dia 13 de junho em São Paulo. Esse protesto provavelmente foi o que teve os índices de repressão policial mais violentos do mês de junho e representou a guinada da opinião pública e da mídia sobre as manifestações. Informações levantadas pela ARTIGO 19 neste relatório indicam que nesse protesto participaram quase 20 mil manifestantes (segundo os organizadores), com 235 detidos e mais de 100 feridos – sendo 2 detidos e 22 feridos jornalistas que cobriam a manifestação.” (Artigo 19, 2014, p. 20 e 21)

pequeno porte, frente aos grandes meios de comunicação, a gente não tinha capacete, a gente não tinha óculos de proteção, a gente nunca foi para uma cobertura, nesse sentido, pensando que poderíamos nos tornar vítimas de violência da polícia; então, naquela situação eu corri, me escondi atrás de uma banca de jornal, tirei a camisa, fiz ela de pano para me proteger contra a respiração daquele gás lacrimogênio. Mas o gás, a quantidade de bombas que foi disparada naquele seletor grupo, que era um grupo de talvez umas mil, duas mil pessoas no máximo que participavam daquele ato, era tão grande que eu precisei sair de trás daquela banca de jornal porque eu já estava sentindo os efeitos colaterais do gás lacrimogênio. E quando eu saí de trás da banca de jornal, eu saí com a minha câmera fotográfica e aí eu resolvo fotografar, fazer o meu trabalho. Eu fotografei a tropa da polícia que estava promovendo aquele ataque. Quando eu abaixei a câmera fotográfica, eu senti o impacto no olho. Aí, eu perdi a visão ali, instantaneamente. Fui socorrido, saí daquela região com a ajuda de um professor que me levou até um hospital, e eu lembro que aquele percurso que a gente seguiu da rua da Consolação até o hospital mais próximo, que era o Nove de Julho, [lembro-me que] a gente fez todo [o percurso] caminhando e eu perdendo muito sangue, gritando de dor, pedindo ajuda, pedindo para que as pessoas em volta pudessem nos socorrer; e o professor, o Severino, que era um professor que participava da manifestação, foi a única pessoa [que acudiu]. Eu não o conhecia, mas ele me viu naquela situação e me socorreu, literalmente me carregou no colo e me tirou daquela situação e me levou até o hospital. Desse percurso, o que eu lembro é só sonoridade; só um som dessa manifestação, em que prevalecia o som da polícia, viaturas da Rocam⁴, carros da polícia passando; eu não lembro em que direção porque eu não estava mais enxergando, mas um som de sirenes de polícia e bomba, bomba, e bomba, e bomba, a todo instante. Por isso que essa minha memória me diz que a noite do 13 de junho foi um dos atos de forte repressão policial.

Aquilo me marcou muito porque eu que era um fotojornalista novo, tentando ingressar nessa carreira de comunicação, do fotojornalismo, correndo atrás da notícia, e acabei me tornando notícia. E daí por diante essa minha história talvez tenha marcado a minha imagem, não como um carimbo, mas como uma cicatriz; isso acabou cicatrizando a minha história, porque hoje eu utilizo uma prótese ocular. Eu estou dizendo que tem uma aparência: há pessoas que dizem que de longe nem aparece que perdi o olho; mas eu utilizo uma prótese e uma lente. Então, eu costumo dizer que essa é minha cicatriz, é uma falsa aparência aqui que aparentemente me deixa com essa expressão de que talvez nada tenha acontecido; mas eu carrego de fato essa cicatriz. É uma história que ainda tem muitos desdobramentos porque não terminou só no ato de violência física daquela noite. Ela ainda permanece se perpetuando através do sistema judiciário porque depois desse ato de violência eu ingressei com um pedido de indenização por dano físico e dano moral: eu ingressei na justiça com esse pedido, e isso até hoje é negado; já se passaram sete anos e até hoje esses pedidos são negados. O Estado, em nenhum momento, lá em junho, reconheceu o erro praticado pela tropa que agiu naquela noite.⁵ Na ocasião, eu

⁴ Rocam é a sigla para Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicleta. Segundo informações da Wikipedia, a Rocam foi criada em 5 de novembro de 1982 no 1º Batalhão de Polícia de Choque (ROTA) da Polícia Militar do Estado de São Paulo com a finalidade principal de auxiliar no combate à criminalidade nos centros comerciais e bancários no intenso trânsito da cidade de São Paulo junto com as viaturas da ROTA. Ver mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ronda_Ostensiva_com_Apoio_de_Motocicletas.

⁵ Em novembro 2017, a 9ª Câmara do Tribunal de Justiça de São Paulo inocentou com unanimidade o Estado por cegar o fotógrafo Sérgio Silva. Ver mais em <https://ponte.org/justica-de-sao-paulo-decide-que-estado-nao-e-culpado-por-cegar-fotografo-em-manifestacao/>

lembro de que uma das minhas revoltas e da minha família e amigos mais próximos foi o governador não ter feito uma declaração pública. Entendo que houve uma utilização de força desproporcional pela tropa que agiu naquela noite. Não foi só o Sérgio fotógrafo que perdeu o olho, mas centenas de outras pessoas também foram vítimas da violência policial. Foi uma revolta muito grande porque parece que não aconteceu nada, que toda aquela onda de violência foi mais um capítulo da nossa história política.

Eu costumo dizer, e isso está escrito num livro que eu publiquei com o jornalista Tadeu Breda, intitulado *Memória Ocular, cenas de um Estado que cega*, que aquele ato de violência praticado pela polícia não foi um ato direcionado exclusivamente contra o fotógrafo Sérgio Silva, foi um ato de violência contra a imprensa de um modo geral e contra a sociedade. “Tiraram meu olho, mas não tiraram minha capacidade de enxergar.” (SILVA; BREDA, 2016, p. 114). Todas as pessoas de alguma maneira deveriam se sentir cegas, violentadas desse olho tanto quanto eu me senti. E foi por isso que posteriormente eu desenvolvi um trabalho fotográfico colocando um tapa olho sobre o olho das pessoas que se aproximavam, que demonstravam solidariedade com relação à minha história, que se mostravam indignadas. Eu provoquei alguns segundos de cegueira para essas pessoas com uma série de fotografias chamadas *Piratas Urbanos*, na qual essas pessoas retratadas estão com tapa-olho de pirata sobre o olho, também no sentido de protesto⁶. Esse trabalho foi o meu protesto, uma forma de eu gritar contra essa violência pela qual passei, e conseqüentemente eu comecei a entender também que essa violência é muito mais grave do que simplesmente a violência praticada pela polícia em manifestações e focada em junho de 2013. Comecei a ter uma atenção maior para essa violência praticada pelo próprio Estado nas periferias do nosso país, direcionada para a população jovem preta e favelada, uma vez que o número de jovens mortos pelos braços do Estado vem aumentando. A cada ano que passa aumenta; então, eu comecei a entender que essa violência que o corpo do Sérgio Silva, esse jovem também pobre, que cresceu à margem, mas que foi violentado ali no centro de São Paulo, é o reflexo de uma violência estrutural que faz parte do país, que sempre esteve presente e sobre a qual a própria comunicação, a própria linguagem da comunicação ou do jornalismo, fotojornalismo mais especificamente no meu caso, também não estava se debruçando.⁷ Os olhos desse jornal, desse jornalismo, também não enxergam da maneira que deveriam. Então, eu acho que essa minha história acaba revelando também uma história de um Brasil muito mais crítico.

Há alguma coisa muito errada no nosso país. O Estado está cada vez mais violento, talvez esse seja um de nossos maiores problemas sociais hoje. O Estado, aquele que deveria gerar garantias e segurança para a população, é um dos maiores agentes causadores de violência na nossa sociedade. Acredito que essa minha história pessoal nas manifestações de 2013 revela um problema muito maior.

⁶ Ver mais em <https://photographersergiosilva.wordpress.com/tag/piratas-urbanos/>

⁷ “O termo fotojornalismo designa tanto uma função profissional desenvolvida na imprensa quanto um tipo de imagem utilizada por ela.” (Monteiro, 2016, p. 68). No ensaio *Photos-chocs*, Roland Barthes afirma que “o horror que sentimos ao nos deparar com fotografias que retratam cenas de violência não advém do ato violento em si, mas do fato de olharmos para estas fotografias do seio da nossa liberdade. (...) A fotografia literal introduz ao escândalo do horror, não ao horror em si.” (Barthes, 1957, p. 98)

Manifestações e Estado Policial

Fotografias com as Respectivas Legendas

Foto 1[1162]: Manifestação a favor do impeachment da ex-presidenta da República, Dilma Rousseff. Na foto, manifestantes fazem selfie com a tropa de choque da polícia militar – Av. Paulista, São Paulo, 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 2[1712]: Polícia Militar atira contra manifestantes que participaram da terceira grande manifestante grande o governo interino de Michel Temer – Centro, São Paulo, 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 3[6970]: Protesto: 23 anos do Massacre no Carandiru. Na foto, manifestantes seguram cartaz pedindo o fim da polícia militar. Centro, São Paulo – 2015.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 4[7092]: Protesto: 23 anos do Massacre no Carandiru. Na foto, manifestantes marcham pelas ruas do centro da cidade cercados por homens da polícia militar. Centro, São Paulo – 2015.



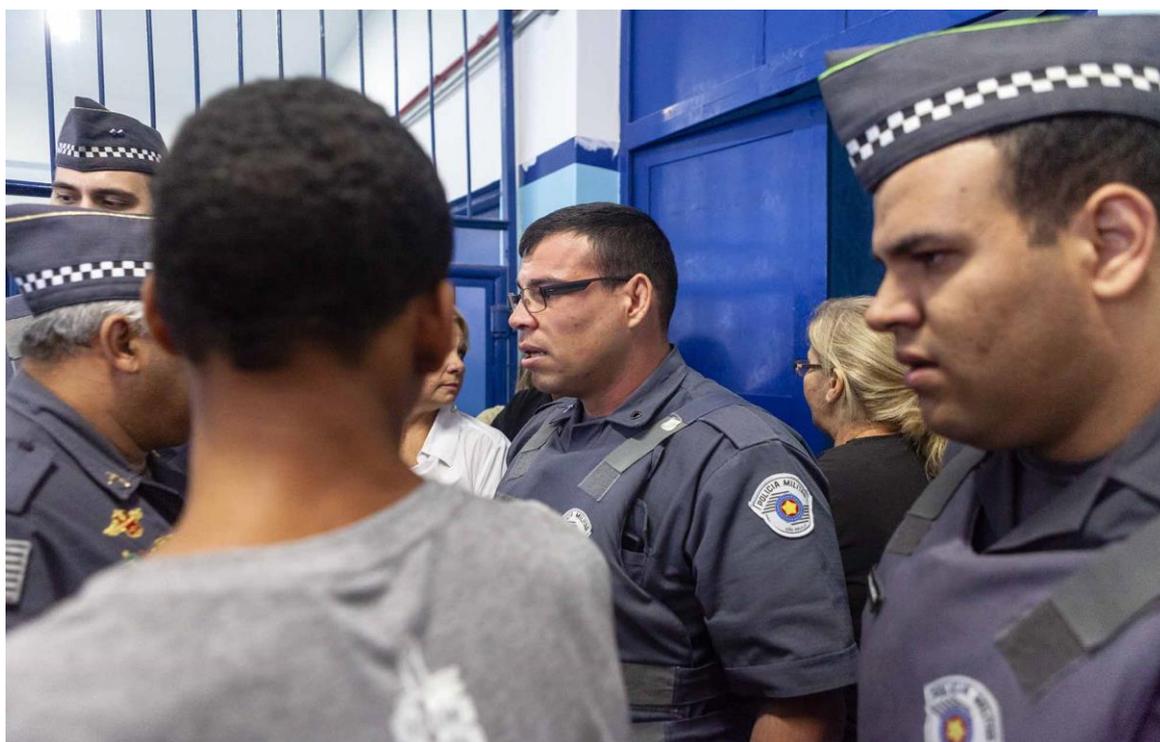
Fonte: Sérgio Silva.

Foto 5[7502]: Moradores da Favela do Moinho protestam na entrada da comunidade após assassinato de um jovem por policiais militares. Centro, São Paulo – 2018.



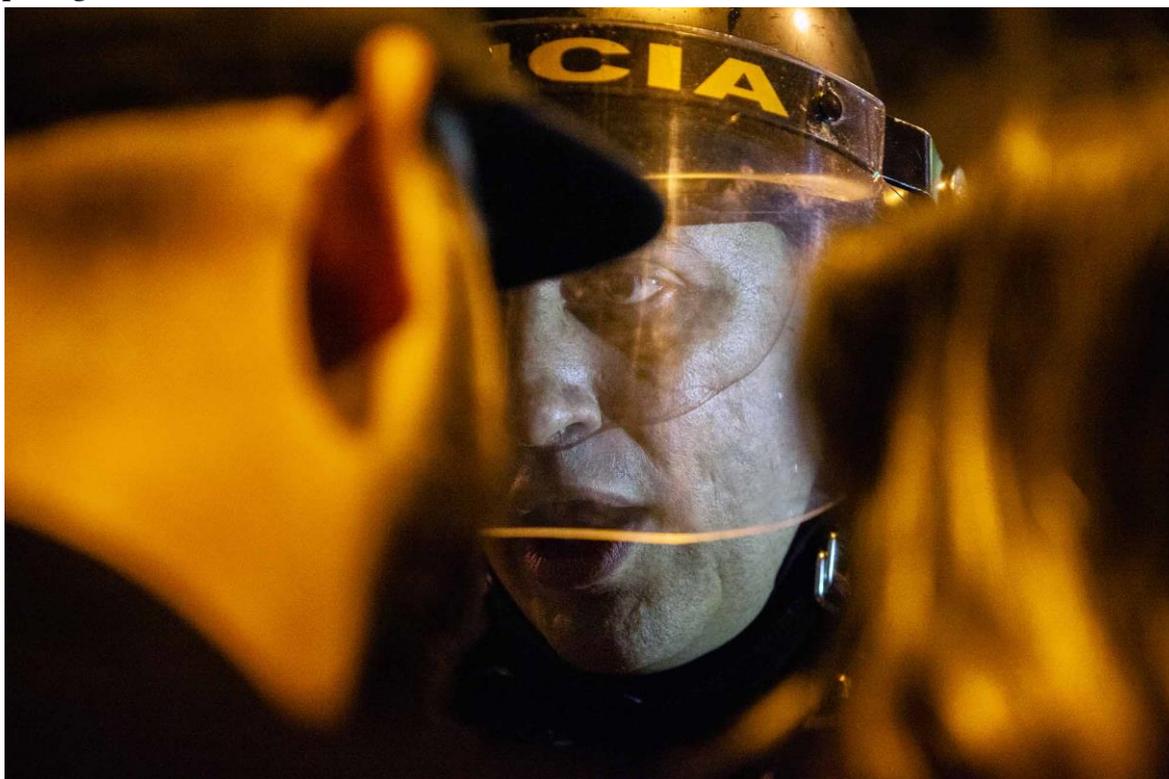
Fonte: Sérgio Silva.

Foto 6[8327]: Policiais militares invadem escola sem mandado judicial em uma tentativa de reintegração de posse. A escola foi ocupada por alunos em protesto contra a reorganização escolar promovida pelo governo estadual. Bela Vista, São Paulo – 2015.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 7[8826]: Policial militar conversa com manifestante durante protesto organizado por estudantes secundaristas contra a reorganização escolar promovida pelo governo estadual de São Paulo. Avenida 9 de Julho, São Paulo – 2015.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 8[8959]: Estudante secundarista é levada pelo braço durante protesto contra a reorganização escolar em São Paulo. Avenida 9 de Julho, São Paulo – 2015.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 9[8978]: Estudante secundarista é levada detida durante protesto contra a reorganização escolar em São Paulo. Na foto, policiais militares aparecem carregando uma cadeira escolar a fim de justificar a detenção da estudante. Avenida 9 de Julho, São Paulo – 2015.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 10[9124]: Jovem mostra marca do impacto provocado em sua perna após ser atingida por bala de borracha. O ato de violência ocorreu durante protesto promovido por estudantes secundaristas por mais investimentos na educação pública. Centro, São Paulo – 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 11[6057]: Homens conversam enquanto tropa de elite da polícia militar de São Paulo acompanha protesto promovido por movimentos populares e centrais sindicais contra o golpe em curso contra a presidenta Dilma Rousseff. Vale do Anhangabaú, São Paulo – 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 12[09_Fotografia_por_SergioSilva-5]: Policial militar com arma na mão cerca estudante secundarista durante protesto realizado por mais investimentos na educação pública. Praça Roosevelt, São Paulo – 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 13[2017_11_30_PROTESTO_PICHADORES_Fotos_SergioSilva-8]: Familiares e amigos dos pichadores Ailton dos Santos e Alex Dalla Vechia, mortos por policiais militares após denúncia de que estariam assaltando um prédio residencial, no bairro da Mooca, zona leste de São Paulo, em 2014, realizaram protesto pelas ruas do centro da capital paulista contra a sentença da juíza Débora Faitarone que inocentou cinco policiais envolvidos na ocorrência, alegando que os agentes agiram em legítima defesa. Centro, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 14[2017_11_30_PROTESTO_PICHADORES_Fotos_SergioSilva-18]: Policiais militares seguram homem pela camisa durante protesto realizado por familiares e amigos dos pichadores Ainton dos Santos e Alex Dalla Vechia, mortos após serem baleados por policiais dentro de um prédio na zona leste de São Paulo. Centro, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 15[SergioSilva-6]: Tropa de Elite da Polícia Militar tenta impedir protesto de moradores após assassinato de um jovem dentro da Favela do Moinho. O rapaz tinha 18 anos e foi baleado por agentes da ROTA durante operação policial. Centro, São Paulo – 2017.



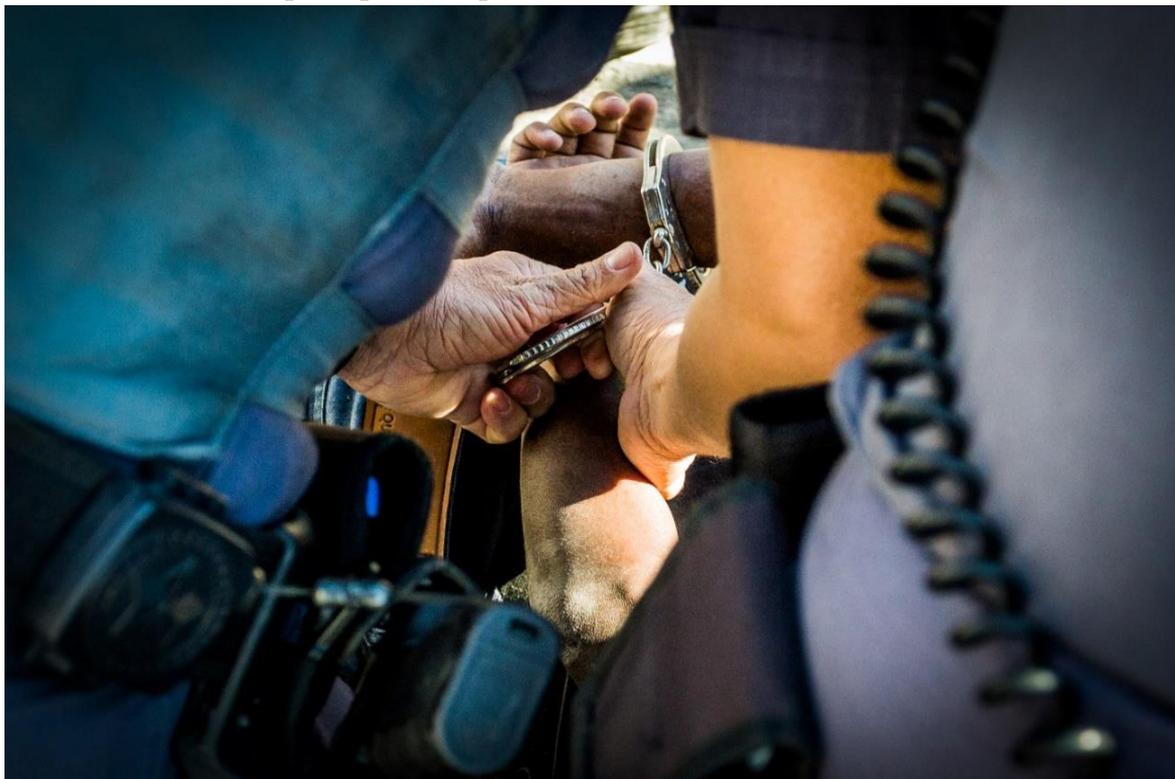
Fonte: Sérgio Silva.

Foto 16[SergioSilva-7]: Moradores da Favela do Moinho realizam protesto após a morte de um jovem de 18 anos, dentro da comunidade, por agentes da ROTA. Centro, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 17[SergioSilva-7b]: Policiais militares colocam algema em um jovem negro durante protesto realizado por moradores da Favela do Moinho em decorrência ao assassinato de um jovem dentro da comunidade. O crime foi cometido por policiais militares da ROTA após operação policial na favela. Centro, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 18[SergioSilva-8]: Tropa da Elite da Polícia Militar em formação de ataque durante protesto realizado por moradores da Favela do Moinho. Na ocasião, um jovem foi morto por agentes da ROTA durante operação policial dentro da comunidade. Centro, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 19[por_SergioSilva-7]: Policiais militares cercam área próxima à residência do presidente interino Michel Temer. Na ocasião, movimentos populares, centrais sindicais e a Frente Povo Sem Medo realizarem protesto pedindo a renúncia do presidente. Pinheiros, São Paulo – 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 20[FotografoSergioSilva-10]: Protesto contra a realização das olimpíadas no Brasil. Na foto, jovem passeia com cachorro em frente a bloqueio policial próximo ao estádio do Maracanã, local de abertura dos jogos olímpicos. Rio de Janeiro, 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 21[3201]: Tropa da Elite da Polícia Militar posicionada durante protesto realizado por movimentos populares, centrais sindicais e a Frente Povo Sem Medo pedindo a renúncia do presidente interino Michel Temer. Pinheiros, São Paulo – 2016.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 22[9553]: Autorretrato em escudo policial. Na ocasião, guardas realizaram bloqueio em frente à sede do Comando Geral da Guarda Civil Metropolitana, a fim de impedir um protesto de moradores contra as ações violentas na região da Cracolândia. Centro, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 23[9594]: Guardas civis realizaram bloqueio em frente à sede do Comando Geral da Guarda Civil Metropolitana a fim de impedir um protesto de moradores contra as ações violentas na região da Cracolândia. Centro, São Paulo – 2017.



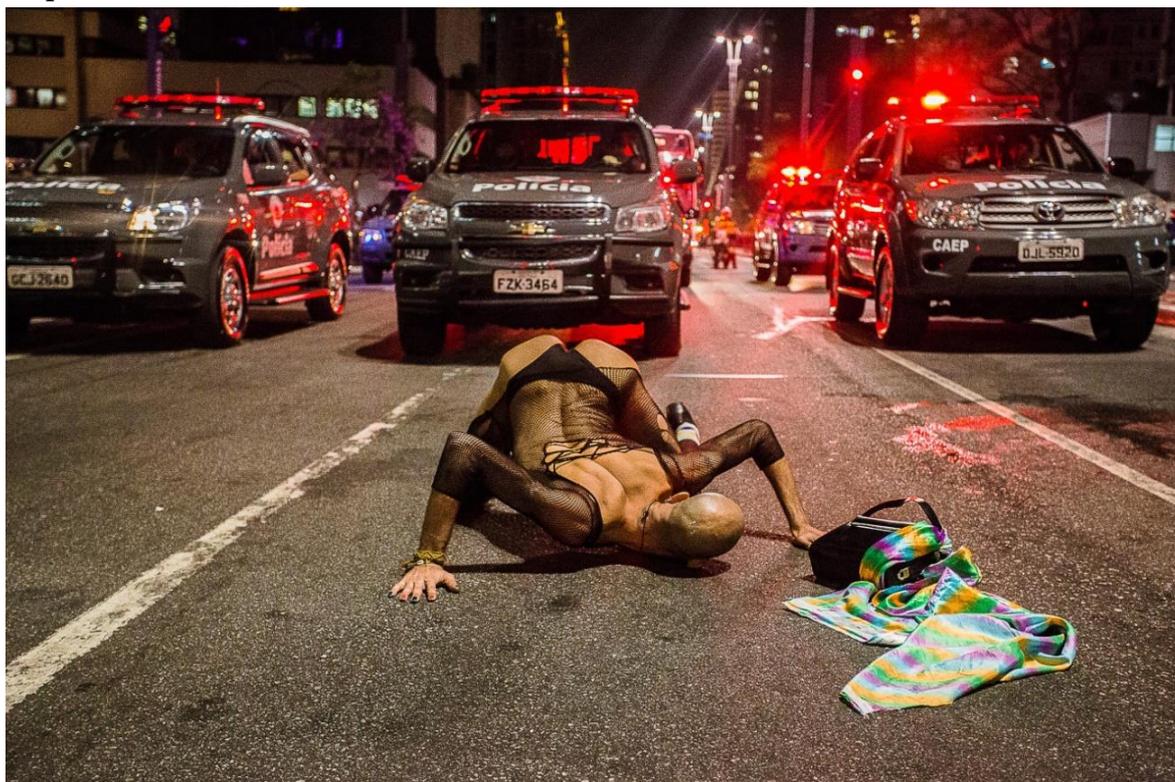
Fonte: Sérgio Silva.

Foto 24[FotosSergioSilva-9]: Transeunte segura um guarda-chuva atrás de um cerco policial a estudantes que protestavam contra o aumento da tarifa no transporte público da cidade de São Paulo. Pinheiros, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 24[AV_PAULISTA_2017]: Ativista ajoelha-se diante de viaturas policiais durante protesto contra projeto da “Cura Gay” que tramitava na Câmara dos Deputados. Avenida Paulista, São Paulo – 2017.



Fonte: Sérgio Silva.

Foto 25[SÃO_PAULO_2015]: Homem fotografava barricada incendiada por estudantes durante protesto contra o aumento da tarifa no transporte público na cidade de São Paulo. Centro, São Paulo – 2015.



Fonte: Sérgio Silva.

Referências

ARTIGO 19. *Protestos no Brasil – 2013*. São Paulo: Artigo 19, 2014.

BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *Tempo e Argumento*, v. 8, n. 17, Florianópolis, jan./abr. 2016, p. 64 - 89.

SILVA, Sérgio; BREDA, Tadeu. *Memória Ocular: cenas de um Estado que cega*. São Paulo: Elefante, 2018.

*Minicurrículo do Autor:

Sérgio Silva. Fotojornalista Independente e produtor de conteúdo audiovisual. E-mail: fotografosergiosilva@gmail.com.